

# 10<sup>o</sup>

# FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA  
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE  
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Autor(es): GUSTAVO SOUZA SANTOS

## A rua como elemento participante da experiência sociopolítica nas jornadas de junho de 2013

### Introdução

Junho de 2013 ficou marcado na história brasileira como um mês de insurgência popular como não se via desde as marchas contra Collor, há mais de 20 anos. Ato desencadeados contra o aumento da tarifa do transporte público eclodiram em São Paulo com o epicentro de vibrações que se difundiram sobre todo o território nacional, ampliando seu escopo de modo transescalar e recebendo a alcunha de “jornadas de junho” [1].

As ruas foram tomadas mais uma vez, agregando em si experiências socializantes e politizantes que definem o homem como animal social e político. Analisar a rua como elemento participante da experiência sociopolítica e socioespacial nas Jornadas de Junho de 2013 constituiu o objetivo deste estudo.

### Material e métodos

Trata-se um estudo descritivo, qualitativo e sob a modalidade de estudo de caso das jornadas de junho de 2013. A pesquisa teve por fonte de dados os 3 jornais de maior cobertura brasileira no período do evento em questão (2012/2013), conforme auditoria do Instituto Verificador da Comunicação (ICV): Folha de S. Paulo, O Globo e Estadão. Foram analisadas notícias do período de junho de 2013 sob a técnica de análise de conteúdo.

### Resultados e Discussão

A rua como a própria cidade não pode ser reduzida a apenas uma organização funcional do espaço. Nela estão reificadas e concatenadas relações geográficas, históricas, econômicas, sociais, políticas e culturais. De sua paisagem complexa, notam-se ainda as contradições que são próprias desse espaço, influentes não apenas sobre sua forma, mas também sobre sua função, estrutura e processos. A rua é um espaço que ancora e complexifica as relações humanas com o espaço. Como malha espacial é deflagradora de caminhos, rotas e direções no grande *corpus* urbano e territorial.

A rua é um espaço que ancora e complexifica as relações humanas com o espaço. Como malha espacial é deflagradora de caminhos, rotas e direções no grande *corpus* urbano e territorial. Como índice e ícone simbólico, agrega em si variáveis que produzem identidades, sustentam devires e plasmam os sujeitos. Embora seu arranjo seja público, a rua promove uma constelação intersubjetiva ao tornar funcionais dispositivos coletivos de diálogo, movimentação e expressão social.

Desde a ágora grega ao direito de ir e vir moderno, o espaço de circulação de pessoas e outros fluxos se adere à sistemática cosmológica da vida humana, tal qual contemporaneamente. A rua é, assim, um espaço produzido e produtor de tessituras relacionais, expandindo seu fragor geográfico.

Ora, se a rua se desdobra entre espaço público e intersubjetivo, naturalmente tende a fornecer elementos e estruturas para que consciências e identidades se mobilizem em torno de causas, discursos e a ampliação natural das consciências, visto que inscrita na polis, a rua tende a ser um vórtice cidadão, de vivências e protagonismos.

Como índice e ícone simbólico, agrega em si variáveis que produzem identidades, sustentam devires e plasmam os sujeitos. Embora seu arranjo seja público, a rua promove uma constelação intersubjetiva ao tornar funcionais dispositivos coletivos de diálogo, movimentação e expressão social. A ocupação das ruas nas jornadas de junho desencadearam uma experiência espacial mais ampla: não apenas interromperam os fluxos para chamar atenção para a vocalização de demandas, mas como acústica para a apropriação da rua, da urbe e do contingente de significados e sentimentos a ela atrelados [1, 2].

“Nas ruas, um mar de reivindicações” (O Globo, 19 jun. 2013, p. 10), reportava-se. A expansão dos atos era constatada: “Protesto se espalha pelo país” (Estadão, 18 jun. 2013, p. 1). Das manifestações que escoava pelas ruas de cidades e capitais se dizia “grandiosa e plural” (O Globo, 18 jun. 2013, p. 10) e “As manifestações e o direito à política” (Folha, 24 jun. 2013, p. A3). No panorama acinzentado, nas edificações e na socialização mercadológica que marcam o cotidiano atomizado pela repetição e pelo senso de urgência, a cidade - e suas ruas - revela-se vigorosidade.

# 10<sup>o</sup>

# FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA  
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE  
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Ocorre que, a vitalidade da cidade não é aparente apenas no funcionamento de seu frenesi e fluxos, mas a epiderme urbana abriga uma série de pulsações de vida que interagem consaguineamente com ícones, objetos, contradições e processos diversificados [3]. Em um espaço marcado pela orientação de trajetórias, pelo tráfego de fluxos e pelo costurar dos acontecimentos cotidianos é capaz de revelar organelas espaciais e temporais, influentes não só para definir e qualificar o espaço, mas deflagram a atividade humana ali desenvolvida.

Isso implica dizer que a corporeidade espacial das ruas e dos espaços compreende a corporeidade da existência humana, funcionando-lhe como extensão vital e camada existencial. A cidade reafirma ainda na contemporaneidade sua vocação de ágora, onde a socialização e a politização são pulsões marcantes de sua tessitura plástica e funcional.

Nas jornadas de junho, a rua assumiu seu papel como coalizadora das pulsões humanas. Sendo receptáculo da atividade construtora do homem que constrói o espaço enquanto constrói a si. Nas demandas vocalizadas, nos cartazes empunhados e nos significados da insurgência instaurada permanecem a vivacidade do espaço que produz e é produzido, e da ação humana que se instaura na enseada entre o espaço e os significados que se lhe atribuem.

## Considerações finais

O espaço da rua nas jornadas de junho evidencia não só o tráfego de fluxos e sua interrupção como marca de protesto, mas agencia em si uma experiência socioespacial genuína de afirmação das vivências, sentidos e significados da cidade e seu direito, como meta de apropriação transformadora.

## Referências

- [1] ROLNIK, R. Apresentação - As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In: MARICATO, E. *et al.* **Cidades rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013.
- [2] CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- [3] LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008.